

## **Apresentação**

*Heloísa Pedroso de Moraes Feltes\**  
*Ana Cristina Pelosi\*\**

O GELP-COLIN – Grupo de Estudo sobre Linguagem e Pensamento – Cognição e Linguística promoveu o *I Fórum Nacional sobre Representação Conceitual e Categorização: conceitualização de VIOLÊNCIA*, na Universidade Federal do Ceará (UFC), nos dias 17 e 18 de março de 2010, com o apoio de CNPq e Funcap. O evento contou com três conferências, proferidas pelos professores pesquisadores Lynne Cameron (Open University, Milton Keynes, UK), Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP) e Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (UCS); duas mesas-redondas, coordenadas pelos professores doutores Paula Lenz Costa Lima (CMLA/UECE) e Ricardo Lopes Leite (UFC); e três sessões de comunicações, com um total de 17 comunicações.

O Fórum objetivou promover o debate acerca de questões relativas às formas como se constituem conceitos ligados a crenças e valores sobre violência urbana, e sentimentos de segurança ou insegurança gerados a partir de atos e comportamentos violentos, por meio da linguagem utilizada por vítimas diretas ou indiretas de violência para veicular sentimentos de empatia ou antagonismo para com agressores. Aberto ao público acadêmico de pós-graduação e graduação, o evento ampliou a compreensão sobre o tipo de pesquisa interdisciplinar realizada por estudiosos de Linguística Cognitiva e áreas afins.

No presente número da revista ANTARES: Letras e Humanidades, reunimos 12 artigos representativos de parte das conferências, palestras de mesas-redondas e comunicações proferidas no evento, para compor o dossiê *Representações de violência*

---

\* Doutora em Letras – Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora nos Programas de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/ UniRitter.

\*\* Doutora em Linguística e Psicologia pela Universidade de Leeds, Inglaterra. Professora no Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará.

na linguagem: *cognição, cultura e sociedade*. No total seriam mais de 30 artigos com importantes contribuições para um amplo domínio interdisciplinar. A seleção dos artigos para o presente número, entre os demais, é motivada apenas pela diversidade de temas, procedimentos metodológicos e enfoques interdisciplinares. Acrescenta-se, ainda, um artigo não ligado ao Fórum, mas que se coaduna com a proposta temática no conjunto.

Kanavilli Rajagopalan, autor do Editorial, realiza uma reflexão sintética, porém profunda e multifacetada sobre a propriedade do tratamento da temática no Fórum, em que entram em jogo campos como ética, política, ideologia, biologia e, no centro de tudo, as complexas questões sobre a natureza humana.

O artigo de Lynne Cameron, *Comparing responses to violence and uncertainty in Brazil and the UK: a collaborative project*, que resulta de um projeto conjunto entre o Brasil e o Reino Unido, compara respostas de indivíduos à violência nestes dois países por meio de um relatório de método e achados pertinentes ao estudo original realizado no Reino Unido. O projeto intitulado *The Perception and Communication of Terrorist Risk* investigou, pela *Metaphor-led discourse analysis*, respostas de grupos focais compostos por muçulmanos e não muçulmanos em Londres e em Leeds ao risco de terrorismo, alguns meses depois dos atentados à bomba executados por jovens muçulmanos em Londres, em julho de 2005. O texto trata sobretudo de como a equipe de colaboradores lidou com desafios metodológicos relativos ao trabalho bilíngue.

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, com *Conceptualização de TERRORISMO e VIOLÊNCIA: relações semântico-epistêmicas e papéis semânticos no quadro de uma semântica do entendimento*, produz um ensaio a partir de uma versão de *Frame Semantics*, analisando relações entre os conceitos de TERRORISMO e VIOLÊNCIA com vistas a discussões teórico-metodológicas relativas ao subprojeto *Metáfora, empatia e a constante ameaça de violência urbana no Brasil*, parte do projeto mais amplo – *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse*. Nele, a autora justifica tanto a incorporação de relações semântico-epistêmicas e papéis semânticos na análise do *corpus* da pesquisa, como a de uma metalinguagem para o tratamento de valores ou sistemas axiológicos associados a frames na conceptualização de VIOLÊNCIA.

Fernanda Cavalcanti e Ana Cristina Pelosi, com *O papel das representações sociocognitivas na emergência da expressão regional “cabra”*, discutem o papel desse

regionalismo na construção prototípica, via Linguística Cognitiva, de uma figura masculina de traços violentos na cultura cearense.

Languisner Gomes, em *A conceptualização visual da VIOLÊNCIA em histórias em quadrinhos*, trata dos efeitos do sentido de VIOLÊNCIA promovido por imagens, tendo como *corpus* a história em quadrinhos (HQ) do Mickey. A composição visual dirige a leitura para a interpretação de fatos do cotidiano. A análise revela que metáforas como o CORPO É UM RECIPIENTE e A VIOLÊNCIA É UMA AÇÃO DIRIGIDA exercem forte influência na conceptualização da criança.

Claudiana Nogueira de Alencar e Marco Antonio Lima do Bonfim, em *A constituição do conceito de VIOLÊNCIA no jogo de linguagem mística do MST-CE*, analisam os atos de fala constituintes das músicas ritualizadas pelos Sem-Terra do MST-CE, as quais significam a “violência no campo” como uma forma de resistência. Os “atos de violência” praticados contra os/as camponeses/as do MST-CE provocam atitudes de indignação por parte dos demais Sem-Terras, reacendendo a chama da luta pela terra.

Ruberval Pereira, no artigo *11 de setembro: a nomeação pela data e a mistificação dos conceitos de TERRORISMO e GUERRA como estratégia de constituição do discurso midiático-oficial*, focaliza problemas de nomeação de data de acontecimentos traumáticos, os quais adquirem estatuto de conceito, promovendo, articulações de sentido problemáticas do ponto de vista ético-político, quando o discurso midiático-oficial atualiza a representação de uma “alteridade inimiga” do chamado mundo livre e democrático, para justificar novas ações de guerra.

Ricardo Henrique Araújo de Paula apresenta *(Re)construções narrativas de identidades violentas no universo representativo dos crimes de pistolagem*, como o resultado de cinco anos de pesquisa com relatos orais, histórias de vida e autobiografias, realizada com “matadores de gente”. O estudo contribui para o estudo dos valores e códigos morais que envolvem a construção social e simbólica de identidades violentas.

Vicente Martins e Rosemeire Selma Monteiro-Platin, em *A expressão de violência no idiomatismo brasileiro*, investigam como crianças, durante o processo de aquisição da linguagem, aprendem e memorizam formas simbólicas de violência através de palavras, frases e fraseologias de sua língua materna. Entra em jogo a memória episódica na interpretação de expressões idiomáticas, por adultos, em diversos contextos de uso da língua. A investigação busca responder a indagações que inquietam pais, educadores e psicólogos.

Luciane Corrêa Ferreira, em *A conceitualização da violência e futebol*, analisa a linguagem metafórica e metonímica relacionada a futebol, em áreas urbanas do Brasil, a partir de interações discursivas, partindo de uma abordagem da metáfora à luz da dinâmica do discurso.

Júlio César Araújo, em *Buddypokes: cenas multimodais de violência no Orkut?*, analisa manifestações de violência através dos *buddypokes* do Orkut, com base nos estudos sobre multimodalidade, para compreender de que forma os *buddypokes* que simulam cenas violentas tem sido usados pelos orkuteiros.

Léia Cruz de Menezes, no artigo “*Isabella é uma rosa impedida de desabrochar em nosso jardim*” – *uma análise das expressões metafóricas na conceitualização de VIOLÊNCIA*, procura, através do caso policial de Isabella Nardoni, justificativas para a recorrência de metáforas na conceitualização de violência na linguagem cotidiana, bem como analisa sentimentos de empatia e antagonismo presentes na construção de objetos de discurso. Seu foco são as metáforas de semelhança constitutivas dos comentários de leitores do blog de Ricardo Noblat, ao longo da discussão do referido caso policial.

Letícia Adriana Pires Teixeira e Kaline Girão Jamison, em *A conceitualização da VIOLÊNCIA por esquizofrênicos em surto*, analisam e comparam escalas de prototipicidade a partir de exemplares apontados por informantes em surto esquizofrênico.

Finalmente, na Seção Geral, Marlene Branca Sólito, com o artigo *A violência social e o tom da mídia*, analisa o tratamento dado pela mídia impressa à violência urbana, a partir de um *corpus* constituído de jornais (Pioneiro, Correio do Povo, Zero Hora e Folha de S. Paulo), no período de abril a julho de 2009. A investigação segue a Dialética Histórico-Estrutural (DHE), com Análise do Discurso (AD), centrada, principalmente, nos estudos de Foucault.

Passados dois anos da realização do Fórum, as pesquisas têm continuidade na proposição de novos projetos, na exploração de novos modelos teóricos, na ampliação dos *corpora* e no aprimoramento dos procedimentos metodológicos. Associado a essa contínua trajetória, mantém-se o investimento na interdisciplinaridade como conduta epistemológica desejável e inevitável.